

## HISTÓRIA EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O DISCURSO ECOLÓGICO EM A SAGA DO MONSTRO DO PÂNTANO DE ALAN MOORE

### COMIC BOOKS AND ENVIRONMENTAL EDUCATION: THE ECOLOGICAL DISCOURSE IN THE SAGA OF SWAMP THING OF ALAN MOORE

**Hylio Laganá Fernandes**

<hyliolafer@gmail.com>

Doutor em Educação, área de concentração em Formação de Professores  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Professor na Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba  
<http://lattes.cnpq.br/1315602045624096>

**Maria Aparecida Alves da Silva**

<mari\_alvis@hotmail.com>

Mestranda em Educação, área de concentração em Formação de Professores e Práticas Educativas  
PPGEd - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)  
<http://lattes.cnpq.br/9904462066832764>

**Willian Prestes de Oliveira**

<willianoliveira.geo@gmail.com>

Graduando em Geografia  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)  
<http://lattes.cnpq.br/2123422609321128>

#### RESUMO

As histórias em quadrinhos, desde sua gênese, incorporam no seio de seus universos ficcionais grande influência da conjuntura política, econômica e social contemporâneas, se apresentando como produtos de seus contextos históricos. Isso também ocorreu com o debate ecológico, que ganhou força junto aos ideais do movimento de contracultura na década de 1960. Com o tempo nasce e organiza-se o Movimento Ambientalista e surge a necessidade urgente de uma Educação Ambiental que possa conscientizar a população mundial sobre a importância dessa temática para a existência da própria humanidade. Este artigo tem como intuito realizar um breve histórico sobre o processo de surgimento das histórias em quadrinhos com foco na inserção das críticas sociais e dos debates políticos como temas chave e o fortalecimento do discurso ecológico e do movimento ambientalista. Utilizando os pressupostos da semiótica de Charles Sanders Peirce foi realizada a análise da história em quadrinho *A Saga do Monstro do Pântano* enfocando a discussão de cunho ambiental presente na história, fazendo uma relação das perspectivas pessoais das personagens com os conceitos de representação social do meio ambiente, muito usado na educação ambiental. Como resultados aponta-se o grande potencial pedagógico da história em quadrinho em questão para abordar temas relacionados à preservação, ecologia e meio-ambiente no cotidiano de sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** História em Quadrinhos; Movimento ambientalista; Análise Semiótica; Monstro do Pântano; Educação Ambiental.

#### ABSTRACT

Comics, from its genesis, incorporate in their fictional universes great influence of political, economic and social products of their historical contexts. This also occurred with the ecological debate, which gained momentum with the ideals of the counterculture movement in the 1960s. With time comes and is organized the Environmentalist Movement and arises the urgent need for environmental education that can educate the worldwide public about the importance of this subject to the existence of humanity itself. This article has the intention to conduct a brief history of the emergence process of comic books focusing on the integration of social criticism and political debates as key issues and strengthening the ecological discourse and the environmental movement. Using the assumptions of Charles Sanders Peirce semiotics was performed the analysis of the comic strip *The Saga of the Swamp Thing* focusing on the discussion of environmental nature present in history by making a list of personal perspectives of the characters with the concepts of social representation of environment, widely used in environmental education. The results point to the great educational potential of comic strip in question to address issues related to preservation, ecology and environment in the classroom every day.

**KEYWORDS:** Comic Books; Environmental Movement; Semiotics analysis; Swamp thing; Environmental education.



## INTRODUÇÃO

Durante o processo de ensino no ambiente escolar, muitas vezes uma grande dificuldade por parte dos docentes é conseguir o envolvimento do aluno com o conteúdo a ser abordado; temos ainda que os materiais de referência são, em grande parte, exclusivamente teóricos, na forma de textos escritos, o que contribui para essa falta de interesse (MEDEIROS; MELO; SILVA, 2013.). A fim de contribuir nesse processo, as Histórias em Quadrinhos (HQ) podem ser utilizadas para complementar, potencializar ou mesmo motivar o processo de ensino e aprendizagem no ensino básico (SANTOS; VERGUEIRO; 2012). Devido à necessidade de aprimoramento das práticas pedagógicas e da inserção de novas ferramentas que contribuam para o processo de aprendizagem é que as HQ ganharam notoriedade entre os professores das mais diversas disciplinas, por sua amplitude de temas e gêneros, fazendo com que as possibilidades de práticas em sala de aulas sejam muitas (COSTA, 2009).

Como as HQ fazem parte do cotidiano de muitos alunos, sua aceitação, no contexto da sala de aula, é fácil. Além do que, o seu uso em sala de aula, possibilita a incorporação de novas ferramentas ao ensino, aliando a ele a motivação e o entretenimento, o que pode proporcionar uma maior proximidade dos alunos aos conteúdos teóricos explorados (RAMA, 2007).

Direcionado ao ensino de geografia, a efetividade das HQ servem como ferramenta para a construção de uma leitura geográfica com respeito às diversas culturas e aproximação a diferentes localidades e épocas. Por exemplo, as HQs do Papa-Capim do autor Maurício de Souza abordam alguns elementos da cultura indígena e o estranhamento que ela causa a sociedades próximas. Do mesmo modo, o personagem Zé Carioca explora o estereótipo do boêmio carioca da década de 40. Assim, vários são os exemplos que poderiam ser citados. Ao mesmo tempo, as HQs trazem, muitas vezes também, uma atitude crítica que pode contribuir para fomentar discussões e debates (MEDEIROS; MELO; SILVA, 2013).

Visando a contribuição para a prática de utilização das HQ como ferramenta pedagógica, esse artigo busca, num primeiro momento, apontar como as HQ refletem as perspectivas sociais e políticas de seu contexto histórico. Nesse sentido, será discutida a apropriação do debate ecológico as temáticas dos quadrinhos, bem como o impacto dos movimentos ambientalistas na ficção dos quadrinhos. Para isso, foi realizada uma análise semiótica, na proposta originalmente concebida por C. S. Peirce, ao conteúdo de um arco de

história<sup>1</sup> da revista *A Saga do Monstro do Pântano* escrita pelo roteirista britânico Alan Moore (2014) e publicado em meados da década de 1980. A escolha dessa HQ deve-se ao fato de ter sido uma das primeiras obras nesse gênero que trouxe explicitamente na sua narrativa mensagens de cunho ecológico.

Buscou-se, também, através da análise da HQ traçar um paralelo entre as perspectivas e simbologias de seus personagens em relação aos conceitos de representação social do meio ambiente. O conceito de representação social foi desenvolvido por Émile Durkheim e referia-se as diferentes concepções que determinados grupos possuem de um mesmo objeto ou evento. Segundo Deval (2001), a grande particularidade do ser humano é sua capacidade de criar em sua mente representações do plano real e, conseqüentemente, num processo de abstração, moldá-lo a partir da sistematização de ideias, refletindo a respeito das práticas dos indivíduos e, também, a prática coletiva. Com relação as representações sociais do meio ambiente, Marcos Reigota, em 1995, realizou uma análise das diferentes concepções de meio ambiente de diversos grupos. Com isso, o autor classificou os três principais tipos de representações sociais do meio ambiente: Naturalista, uma concepção de meio ambiente restrita apenas a natureza, desconsiderando o fator humano; Globalizante, onde o meio ambiente é concebido da relação natureza e sociedade; Antropocêntrica, o meio ambiente é visto pelos recursos naturais que pode fornecer a sociedade, apenas como algo útil que não possui valor por si só. (1995). As análises levarão em conta, a categorização de Reigota.

## AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E CRÍTICA SOCIAL

A prática de contar histórias sejam elas relatos antepassados ou mitologias, utilizando-se da narrativa através do uso de imagens, permeia toda a história da civilização humana. Inúmeros são os exemplos da utilização das imagens aos longos das eras, pinturas rupestres, murais egípcios, tapeçarias persas, vitrais de catedrais da idade média, entre muitos outros. Contudo, alguns consideram como precursores das HQ o criador de *The Yellow Kid*, o escritor Richard Fenton Outcalt, que foi responsável pela inserção dos balões de fala, que se tornaram elemento essencial dos Quadrinhos.

---

<sup>1</sup>Uma história completa que é dividida em várias edições, onde cada edição possui seu clímax independente, entretanto pertencendo ainda a uma história maior que envolve todas as edições de maneira conjunta.

Na dita civilização ocidental foi a partir de meados da década 30 que as histórias em quadrinho começaram a se moldar da maneira tal qual as conhecemos nos dias de hoje. Esse período passou a ser conhecido como a Era de Ouro dos super-heróis e foi nele que nasceram seus maiores ícones, os personagens Batman e Superman (MOYA, 2006).

A princípio as histórias eram voltadas aos gêneros de ficção científica, policial e aventuras na selva, com personagens como Flash Gordon, Dick Tracy e Tarzan. Devido a diversos fatores, tais como o baixo custo das revistas e a pequena diversidade de entretenimentos da época levaram as HQs se democratizarem e passarem a ser consumidas por público cada vez maior (MOYA, 2006).

O elemento de crítica social já se encontrava presente nos quadrinhos, mesmo antes da popularização pós década de 30, na figura das sátiras políticas. Eram eles os *funnies* americanos e ingleses, *bandes dessinées* franco-belgas e *mangás* japoneses. No Brasil podemos citar “*As aventuras de Nhô quim*” e outras obras do Italiano naturalizado brasileiro Ângelo Agostini, sendo estes tiras curtas publicadas em jornais de grande circulação, retratando de maneira cômica aspectos referentes à cultura local e conjunturas políticas (DANNER; MAZUR, 2014).

Na década de 1950, em meio a crescente popularização das HQ, veio um forte ataque que deixaria profundas marcas nessa mídia de massa: Foi o lançamento do livro intitulado *The seduction of innocent*(numa tradução literal, “A Sedução dos Inocentes”). As críticas dessa obra apontavam as HQs como responsáveis pela corrupção moral da juventude, levando os jovens para a criminalidade e a violência. Além disso, afirmava que personagens como Batman e Robin estimulavam a homossexualidade e a Mulher-maravilha representava ideais sadomasoquistas (JARCEM, 2007). Em 1954, devido a toda discussão levantada por esse livro, o senado estadunidense decidiu formar uma comissão para estudar a influência dos quadrinhos na delinquência juvenil. A fim de não perder seus negócios, as grandes editoras criaram, então, um selo denominado Comic Code, para representar as revistas com conteúdo adequado para o público infantil e jovem(DANTON, 1997).

Na década de 1960, ocorre a revolução de costumes e o surgimento da contracultura. São estabelecidos os movimentos de resistência tais quais os movimentos hippie, negro, feminista e underground (HOBBSAWM, 2008). Esses grupos apregoavam “as transformações da imagem da

mulher, com o feminismo; a liberação sexual; as modificações na estrutura da família; [...]a emergência das questões ecológicas como se fossem também políticas” (CARDOSO, 2005. p.97).

Diante disso, nos quadrinhos, surge, também, o underground personificado por autores como Robert Crumb, Shelton, entre outros. Nestas HQ' undergrounds são questionados os valores morais da sociedade estadunidense. Em função disso, ocorre, também, uma mudança na indústria de quadrinhos das grandes editoras, que passam a abordar os temas em voga a época. Um dos grandes exemplos disso foi a série dos personagens Lanterna Verde e Arqueiro Verde de Dennis O'Neal. Nelas, as personagens faziam uma viagem pelos Estados Unidos mantendo contato com as agruras que afligiam a população. As personagens apresentavam por vezes, uma visão antagônica sobre os problemas vivenciados na trama, devido a seus posicionamentos políticos (MOREIRA, 2014). É nessa época, também, que surgem diversos super-heróis da Marvel Comics, criados por Stan Lee a partir de informações veiculadas por uma ciência que manipulava desconhecidos raios cósmicos, radiação gama e mutações genéticas. Pode-se dizer que o contexto de exploração científica desse momento da guerra fria estimularam a imaginação dos autores da época, refletindo certamente em suas obras.

Depois da década de 1960, os quadrinhos viveram um período de estagnação que só será superado na década de 1980, a partir do trabalho de autores como Alan Moore, Frank Miller e Neil Gaiman. As histórias destes autores eram caracterizadas pela crítica social, questionamentos filosóficos e questões de cunho ecológico (DANNER; MAZUR, 2014).

Neste período surge a nova versão do Monstro do Pântano. O Monstro do Pântano é uma personagem de histórias de terror que foi criado em 1971 pelo escritor Lein Wein e pelo ilustrador Berni Wrightson, para a editora estadunidense DC Comics. Em sua origem, o personagem já possuía grandes laços com o ambiente natural, mas foi somente a partir de 1984 que a direção criativa da revista foi entregue a Alan Moore. A partir de então, questões como preservação e impactos ambientais resultantes da relação ser humano-natureza ganharam maior ênfase (RODRIGUÊS, 2013).

Alan Moore buscou através da história, difundir questões de cunho ecológico que ganhavam força a partir de meados da década de 80, impulsionadas pelo fortalecimento de grupos ativistas dos direitos ambientais e animais e, também, devido ao debate em torno do uso da energia nuclear e das bombas atômicas. Naquele momento, o contexto era de final da Guerra

Fria, embora o questionamento sobre os arsenais nucleares acumulados estivesse ainda presente, bem como a ameaça de destruição do planeta. Segundo Felipe Radünz Krüger (2014. p.10) esses elementos ficam evidentes nas histórias e mostram “a forma como Alan Moore concebia o mundo e as relações sociais durante a década de 1980, período de gestação de produções de grande reverberação no cenário mundial como: V for Vendetta, Watchmen, O monstro do pântano entre outras”.

## A GÊNESE E O FORTALECIMENTO DO MOVIMENTO AMBIENTALISTA

O questionamento acerca dos impactos ambientais, mesmo em condições veladas, conforme afirma Pepper (1986), surgem desde meados do século XVI de forma idealizada e ligado a uma exaltação do modo de vida campestre em detrimento do pragmatismo da vida urbana. É o início do chamado movimento “naturalista”. Verifica-se nesse momento, também, o nascimento da ciência moderna, que buscava a dominação total da natureza em prol do progresso. Exemplo disso são as duras palavras de Francis Bacon que afirmava ser necessário torturar a natureza para que ela revelasse tudo que sabia. Todavia, a visão minimalista da natureza e de finitude dos recursos naturais, gerava empecilhos à compreensão dos reais impactos gerados pela ação antrópica.

Foi com o advento da revolução industrial que essas questões passaram a ganhar maior relevância. A transformação nos modos de produção, as grandes aglomerações urbanas, o aumento abrupto do consumo dos recursos naturais como fontes energéticas e como matéria prima, deixaram explícita a devastação gerada pela produção e pelo consumo. A partir desse período, todos os limites de produção foram superados pelo desenvolvimento da técnica que determinava a multiplicação desenfreada de mercadorias (HOBBSAWM, 1977). Segundo Galli (2008), o desenvolvimento técnico exacerbou o antropocentrismo, uma vez que estimulou a exploração dos recursos naturais, acentuando, assim, o grande espírito da cobiça humana.

No entanto, o caráter antagônico da dinâmica dos modos de produção em relação à dinâmica da natureza foram os vetores que encaminharam a presente Crise ambiental. Corroborando com tal hipótese o autor James O'Connor (*Apud* QUINTANA; HACON. 2011), que aponta que a concepção da abundância perpétua de recursos impulsionou o processo de produção, criando a ilusão de uma capacidade de crescimento constante que colocaria em cheque o sistema capitalista. Segundo ele, se levarmos em consideração a dependência desse sistema em relação aos recursos, o sobreconsumo que desrespeita os ciclos naturais, a busca por taxas de lucros cada

vez maiores, levam a escassez dos recursos naturais. Dessa forma, em longo prazo, o sistema capitalista torna-se inviável e leva a exaustão dos recursos do planeta.

As drásticas transformações geradas pelas revoluções industriais deram força aos questionamentos acerca da relação ser humano-natureza. Todavia, o pensamento econômico e social vigente a época, final do século XIX e início do século XX, ressaltavam a importância da natureza como matéria prima ao desenvolvimento, concebendo a essencialidade do elemento natural apenas para o desenvolvimento e o acúmulo de riquezas.

Em meados do século XX o pensamento de cunho ambiental se apresentava, grosso modo, como uma severa crítica a modernidade, ao desenvolvimento científico responsável por expandir, ainda mais, os limites da produção e a dependência cada vez maior desses produtos no cotidiano das pessoas. Entretanto, a crítica realizada por pensadores, como Robert Marshall e Catherine Bauer na década de 1930 e posteriormente Rachel Carson e Alice Hamilton na década de 1960 e que veio a se tornar cerne do movimento ambientalista, mostrou-se como uma crítica a aplicação dos avanços científicos (agrotóxicos, motores a combustão e outros) sem levar em consideração os impactos ambientais gerados, percebendo o papel da pesquisa científica como parte constituinte do processo de acumulação capitalista. No movimento ambientalista não há uma defesa a negação da ciência e sim, a busca de um conhecimento capaz de perscrutar de maneira abrangente as mais diversas áreas relacionadas à vida no planeta, compreendendo suas relações de interdependência, alterando o foco da ciência, deixando de lado o papel de mero facilitador técnico dos meios de produção e transformando-a uma ciência holística, capaz de propiciar ao ser humano e ao planeta em si, um equilíbrio (CASTELLS, 1999).

Outro elemento do século XX foi preponderante para a convergência das preocupações ambientais e sua consolidação em um movimento social, os drásticos impactos ambientais e sociais gerado nos fronts de batalha das duas grandes guerras. O desenvolvimento técnico impulsionado pelo espírito imperialista demonstrava a fragilidade da natureza perante a ação antrópica tendo como seu marco máximo o desenvolvimento das bombas atômicas no projeto Manhattan, liderado pelo físico teórico Robert Oppenheimer e o italiano Fermi, sendo lançadas contra Hiroshima e Nagasaki em seis de agosto de 1945. O desenvolvimento das bombas atômicas e posteriormente das armas químicas e biológicas significavam uma ameaça real para a continuidade da vida no planeta. As guerras perdiam seu caráter local e passavam a ser um perigo global. O senso comum do planeta inesgotável era destruído junto às ruínas das bombas, o que se

agrava com o início da guerra fria quando não seriam os japoneses os alvos das bombas, e sim qualquer um.

Também alavancada pelas discussões antinucleares as críticas à ciência moderna se acentuam nesse período cristalizando-se posteriormente na obra da escritora norte-americana, Rachel Louis Carson, denominada *Silent Spring* que foi publicada em 1962. No livro ela apresentava uma série de informações sobre a relação dos usos dos pesticidas na agricultura com o desaparecimento de diversas espécies e seus impactos na biodiversidade local. O livro é um consenso entre muitos dos autores que abordam a gênese do movimento ambientalista como marco importantíssimo para a dispersão do movimento.

Sem a noção dos recursos infinitos e da seguridade da vida no planeta, há um contexto favorável para discutirem-se os impactos gerados ao ambiente indiferente de suas escalas. O discurso ambiental se fortalece junto ao sentimento antigueras e antinuclear. As décadas que se seguiram, o acirramento da guerra fria, o fiasco da guerra do Vietnã, impulsionam o surgimento de diversos movimentos englobados na chamada Contracultura. O movimento Híppie, por exemplo, assimilou grande parte do discurso ambiental aliando as outras bandeiras como o pacifismo e a crítica às posturas imperialista dos governos.

Por um determinado período os ideais ambientalistas são considerados de maneira pejorativa exclusividade dos grupos denominados alternativos. No entanto, como ressaltou Le Prestre (2000) os problemas ambientais não deixam de ser problemas políticos, devido a isso as possíveis soluções a esses problemas deveriam surgir do âmbito das políticas públicas, cabendo à ecologia como ciência refletir sobre as questões teóricas e propor abordagens a esses problemas e a ecopolítica, termo por ele designado para se referir as decisões políticas referentes aos problemas ambientais, trata de garantir suas viabilidades práticas. Não tardou para que a comoção pública em prol a defesa do meio ambiente começasse a render frutos políticos, em 1962 Estados Unidos, Grã-Bretanha e URSS assinam um tratado que restringia os testes nucleares, impulsionando ainda mais o movimento com uma perspectiva de poder político, ressoava a todos a ideia que mudar o mundo era possível.

Em 1972 o acirrado debate produz um de seus maiores marcos, a conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente humano realizada na cidade de Estocolmo. Para Milani (2008) esse foi o ponto em que natureza, ciência e política começaram a constituir uma agenda



internacional em comum, o reconhecimento da necessidade de uma ação global para frear os impactos e uma tentativa de contornar a crise ambiental iminente e acima de tudo a busca em conciliar a necessidade da proteção ambiental e o desenvolvimento econômico. Nesse ano havia sido apresentado ao mundo um estudo realizado por um grupo multidisciplinar do Massachusetts Institute of Technology (MIT) denominado *Os limites do crescimento*, nesse estudo liderado por Dennis Meadows era analisado o ritmo do crescimento vegetativo da população e da produção industrial, juntamente a disponibilidade dos recursos naturais. Em suma, a proposta do grupo e de outros como o clube de Roma, era uma desaceleração do crescimento e da produção a fim de evitar um colapso que afetaria tantos os países centrais como os periféricos, visto que segundo as análises do estudo os recursos disponíveis seriam insuficientes para sustentar o processo de produção em menos de um século (FIGUEREIDO. CRUZ. 2013).

Os países economicamente periféricos eram que enfrentavam maiores dificuldades em realizar essa conciliação, devido ao processo de industrialização tardia suas economias se encontravam dependentes do uso extensivo de recursos naturais como matérias primas para a produção gerando altos índices de degradação ambiental. Entretanto, viam nesse processo uma solução contra a penosa situação de pobreza enfrentada. Os países centrais, que por sua vez já haviam alcançado um nível estável de desenvolvimento pouco se propunham em acatar as medidas propostas, ao invés disso defendiam o crescimento zero para os países periféricos, transferindo assim suas parcelas de culpa (RIBEIRO, 2010). A conferência trouxe diversos avanços, como a criação Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), que seria responsável por aprofundar o debate e propor alternativas para o enfrentamento da crise ambiental. No entanto gerou grande desconfiança aos países periféricos, dentre eles Brasil, China e Coréia do Sul. Conforme relata Rocha:

A posição do governo brasileiro, por exemplo, foi de desconfiança quanto aos reais objetivos da conferência. A suspeita recaía sobre duas questões: a possibilidade da perda de gestão dos recursos naturais do Brasil; e o temor de que os países ricos houvessem criado mais um obstáculo à elevação do país para o estágio de “desenvolvido”. [...] A declaração de um senador do nordeste, que anos mais tarde, por um acaso político, viria a ser presidente do país, reflete esta posição; “Que venha a poluição, desde que as fábricas venham com ela”, exultava José Sarney (DEAN, 1996, *Apud* ROCHA, 2002. p.12).

Em meio a tudo isso, o movimento ambientalista viu na formação de organizações não governamentais (ONGs) uma ferramenta valiosa para a organização de suas atividades, tornando assim suas ações direcionadas e eficazes, mudando dessa forma seu método de ação, o que lhe

permitia maior independência em relação ao poder público. Além da pressão política, as ONGs permitiram ao movimento atuar de maneira dinâmica em áreas do globo onde a ação Estatal se demonstra insuficiente, através da atuação de agentes voluntários, doações de pessoas físicas espalhadas ao redor do mundo e até mesmo de parceria com empresas privadas que possuem programas de responsabilidade social e ambiental.

Como acentua Manuel Castells (1999) analisar o movimento ambientalista é uma tarefa bastante árdua por se tratar de um movimento descentralizado qual possui práticas e objetivos extremamente diversificados, que por vezes se tornam dicotômicos entre si, no entanto apresentado ideias em comum que interligam as mais diferentes vertentes.

Dentre todas as ONGs surgidas no período, o Greenpeace pode ser considerado como a de maior destaque midiático, tendo seu nome atrelado como sinônimo da luta em defesa do meio-ambiente. O grupo possui um vasto leque de atividades que abarcam os mais variados conflitos e discussões ao redor do mundo. Seu surgimento remete a cidade de Vancouver em 1971, quando grupos de ativistas ecológicos, dentre eles ecologistas, jornalistas e hippies, partem de barco rumo a um campo de testes nucleares na costa do Alasca. Os ambientalistas enfrentaram muitas adversidades no decorrer do trajeto, sendo abordados pela guarda costeira norte-americana e notificados por entrarem ilegalmente no país, no entanto recebem uma carta de apoio assinada pelos os membros da embarcação que o atuara. No suceder, tiveram de retornar pelos perigos de prosseguir a viagem devido o intenso inverno da região. O suposto fracasso converteu-se em uma grande vitória devido a enorme repercussão que atitude gerou na opinião pública. (ROTHWELL, 2015)

O Greenpeace se expandiu de forma rápida e constante e antes de 1994, já possuía por volta de seis milhões de membros e uma receita anual de US\$ 100 milhões. Para Castells (1999) o fortalecimento do grupo deve-se a sua estratégia embasada em três perspectivas principais, uma forte noção de premência em relação ao iminente desaparecimento de vida no planeta, a busca por se tornarem testemunhas dos fatos e estarem presente nos mais diversos embates, fazendo parte deles ou divulgando-os e pelo modo pragmático de suas ações, que o autor atribui ao líder David McTaggart, o que permitiu ao Greenpeace uma atuação dinâmica e assertiva nas discussões contemporâneas em voga.

Nessa linha de raciocínio, não há tempo para discussões filosóficas: as principais questões devem ser identificadas pelo uso de informações e técnicas investigativas em todo o

planeta: campanhas específicas devem ser organizadas em torno de metas palpáveis. Seguidas de ações espetaculares com o objetivo de atrair a atenção da mídia, levando ao conhecimento do grande público uma determinada questão, e forçando empresas, governos e instituições internacionais a tomarem medidas cabíveis ou enfrentarem futura publicidade negativa. (CASTELLS, 1999.p.150)

## UMA BREVE CONCEITUAÇÃO SOBRE O MÉTODO DE ANÁLISE SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE

Monstro do Pântano pode ser classificado como uma história de terror. Sua mensagem ecológica permeia todo o seu decorrer, mas sempre de maneira implícita e, apenas por poucas vezes, ganhando o primeiro plano. Essa é uma das características de Alan Moore, ou seja, construir a sua história em diversas camadas, fazendo com que o leitor se atenha aos fatos principais, embora, de forma indireta, haja todo um invólucro filosófico que age como arcabouço da trama e das personagens.

Como método para análise do conteúdo verbal e imagético da HQ, e a fim de explicitar as discussões e mensagens presentes de forma implícita na trama, será utilizado como base o modelo de análise semiótica proposta por C.S. Peirce. O termo Semiose advém do grego *semeion*, tendo como significado signo, linguagem. A semiótica, portanto, é a ciência dos signos, de todas as linguagens, verbais e não verbais (SANTAELLA, 1983). Segundo Santaella (2005) podemos definir a análise semiótica como:

[...] percurso metodológico-analítico que promete dar conta das questões relativas às diferentes naturezas que as mensagens podem ter: verbal, imagética, sonora, incluindo suas misturas, palavra e imagem, ou imagem e som etc. Pode dar conta também de seus processos de referência ou aplicabilidade, assim como dos modos como, no papel de receptores, percebemos, sentimos e entendemos as mensagens, enfim, como reagimos a elas. (SANTAELLA, 2005. p. 06)

É importante ressaltar que os estudos de Peirce se baseiam em um mapa de análise baseado em um sistema de lógica triádica, onde o principal objeto de estudo da semiótica é a atividades dos signos. Para Peirce (1995) o signo é qualquer coisa que represente algo para um receptor, criando em sua mente um signo equivalente e o elemento representado passa a ser denominado objeto. Em síntese, o signo é qualquer elemento, o objeto do signo, por sua vez, é o que signo se refere e o interpretante é o efeito interpretativo do receptor em contato com o signo.

Esses elementos são imprescindíveis para a compreensão das representações nos seus três aspectos. O primeiro de **significação**, que refere-se ao signo em si mesmo, nas formas de: Quali-signo, simples qualidade; Sin-signo, elemento existente real e singular; e Legi-signo, ideia abstrata capaz de representar coisas gerais. O segundo aspecto é chamado **objetivação**, que diz respeito à relação do signo e o objeto, fazendo com que o signo possa assumir as formas de ícone (sugerindo algo devido a sua semelhança qualitativa com outro objeto), índice (que aponta ou é parte de outro existente), ou símbolo (que através de convenções é capaz de representar seu objeto). Por fim, a **interpretação**, referente aos efeitos de natureza emocional, reativa ou reflexiva que o signo em si próprio é capaz de produzir (SANTAELLA, 2005).

Dessa forma Peirce estipula três categorias fenomenológicas em que podemos realizar a percepção dos fenômenos: a **primeiridade**, que se refere ao signo em si mesmo, a apreensão inicial do signo, anterior a qualquer reflexão sobre o mesmo, algo imediato, qualitativo; segundo Santaella (1983. p.46) é “nossa primeira forma rudimentar, vaga, imprecisa e indeterminada de predicação das coisas”; a **secundidade**, interação do signo com o objeto a qual ele se refere, pode ser compreendida como o processo de ligação entre o caráter qualitativo do fenômeno e seu caráter existencial. É a corporificação material que sucede e persiste em relação às meras qualidades. Por fim, a **terceiridade**, interação entre o signo e seu interpretante que resulta em um novo signo, num processo de união das duas primeiras categorias na mente do observador de tal fenômeno (SANTAELLA, 1983; COSTA; SILVA, 2012; SILVA; SILVA, 2012).

Diante de qualquer fenômeno, isto é, para conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento como mediação irrecusável entre nós e os fenômenos. E isto, já ao nível do que chamamos percepção. Perceber não é senão traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, é interpor uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido. (SANTAELLA, 1983. p.51)

## ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICO EM A SAGA DO MONSTRO DO PÂNTANO DE ALAN MOORE

A análise foi realizada utilizando a republicação brasileira da história do monstro do pântano lançada pela editora Panini Comics, denominada *A saga do Monstro do Pântano. Livro um* (2014), tendo seu conteúdo sido originalmente publicado pela editora Vertigo/DC Comics nas revistas “The Saga of Swamp Thing” edições 20 a 27, dos meses de janeiro a agosto de 1984. O argumento das histórias é assinado por Alan Moore e, também, pela dupla de artistas Stephen Bissette e John Totleben. Em vista a extensão da obra, a análise semiótica será realizada de

maneira pontual em trechos selecionados da história, escolhidos por ser possível de identificar neles, implicitamente, a discussão sobre as questões ambientais, bem como a representação da relação ser humano-natureza:

Páginas 50 e 51 da republicação brasileira que correspondem às páginas 11 e 12 da edição 21 da revista de fevereiro de 1984, cujo título traduzido é “Lição de anatomia”. Na página 50, analisando o caráter qualitativo presente na primeiridade, é possível notar uma sobreposição de quali-signos, no canto superior há o predomínio de cores quentes como o vermelho, amarelo e elementos negros com traços de forte contraste, há linhas retilíneas e muitas hachuras. No canto inferior da página em clara oposição ao superior apresenta tons opacos de verde, azul e branco, permeados pelo preto no fundo da imagem. O traço não é bem demarcado e possui formas arredondas e que se unem umas as outras, gerando uma impressão de fluidez as figuras. Há também a presença de pequenos elementos azuis circulares dispostos a fim de fazerem contrastes com o tom preto ao fundo. Em toda página há elementos verbais que se mesclam as figuras com tons contrastantes ao fundo da imagem. Na página seguinte vemos que prevalece na parte superior da página um traço muito similar ao presente no inferior da página anterior, com a presença de elementos com um tom verde mais brilhante e que ganha destaque em meio ao opaco da constituição da página. Conforme analisamos a página na direção de cima para baixo, é possível notar que esses elementos adquirem formas mais definidas com traços mais escuros. Ocorre então uma quebra nessa continuidade visual com um tom preto forte e apenas alguns elementos pouco definidos aparecendo em justaposição ao fundo e no centro dois elementos elípticos preenchidos de vermelho com círculos em seus centros numa tonalidade mais clara de verde. Na parte inferior vemos traços bem definidos com linhas de fundo retilíneas e os elementos centrais bem contornados, de uma maneira geral destoando do restante da página. (MOORE, 2014).

Na análise da secundidade, nota-se que na página 50, na parte superior do primeiro quadro da imagem é possível ver a representação de um laboratório e a presença de um homem que apresenta um semblante de preocupação. No quadro seguinte nota-se o mesmo homem alternar seu semblante passando para o desespero e a imagem dar foco a explosivos embaixo de uma mesa. As cores quentes, no quadro ao lado, remetem a uma explosão e vemos a silhueta de um homem em justaposição as chamas e, por seguinte, uma face desfigurada em meio às chamas. Abaixo, onde as cores quentes são substituídas pelas cores frias opacas, é perceptível que os

elementos circulares e os traços ondulados fazem referência à água. O grande emaranhado de traços assume definição na forma de um crânio humano. Na página seguinte, o plano de fundo permanece o mesmo, fazendo novamente referência à água. Submerso surge um elemento verde. É possível notar que a disposição das imagens na narrativa visual demonstra a evolução de um mesmo elemento. Os seus traços indefinidos começam a ganhar contornos se assemelhando com uma forma humanoide e, na última imagem da sequência, é possível ver com clareza partes que lembram pernas, braços e cabeças. Abaixo, em meio às sombras, é possível ver elementos de uma face como cavidades oculares e olhos, mas esses, por sua vez, não se assemelham a uma face humana. Nos quadros da parte inferior da página, vemos traços lineares que remetem a um ambiente interior, um escritório, e vemos a face em foco de dois homens (MOORE, 2014).

É apenas na terceiridade que é possível perscrutar a grandiosidade do simbolismo da narrativa visual e verbal dessas duas páginas. Os elementos verbais representam a narrativa do personagem, Dr. Woodrue, referente à origem do Monstro do Pântano, enquanto que a narrativa visual mostra um *flashback*<sup>2</sup> desses acontecimentos. Desde a revista *Swamp Thing* 01 de outubro de 1972, até o este momento na cronologia da personagem, estava estabelecido que o Monstro do Pântano era o Dr. Alec Holland que, devido a uma explosão ocorrida em seu laboratório, onde trabalhava em uma fórmula biorrestauradora, é vítima de uma explosão e, ao cair em chamas no meio do pântano, ressurgiu como a criatura. No entanto, Moore realiza uma desconstrução da história clássica e dá uma nova origem ao personagem, utilizando como base as experiências realizadas por James V. McConnell, na década de 1960, que buscava provar a capacidade das planárias em absorver memória genética através da alimentação. Naquele caso específico, através da prática de canibalismo. A seguir a reprodução de trechos da narrativa verbal presente nessas duas páginas e que recontam a origem do Monstro do Pântano:

Alec Holland já está morto. O corpo mergulha na água junto com a fórmula que o saturou. E uma vez lá se decompõe. [...] As plantas o comem. Comem como se ele fosse uma planária treinada, um sábio dos canibais ou um Einstein no pão preto! Comem... E são infiltradas por uma consciência poderosa que não sabe que já morreu! Imagine essa inteligência atordoada e confusa, talvez com uma percepção vaga de si mesma, tentando se achar em seu novo ambiente, pouco a pouco modelando as células vegetais, em que agora habita, numa forma que lhe seja mais familiar. [...] Acreditávamos que o monstro do pântano fosse Alec Holland de algum modo transformado em planta, não era. Era uma planta que pensava ser Alec Holland (MOORE, 2014 p.50, 51).

<sup>2</sup> Artifício narrativo que permite que o leitor/espectador tome conhecimento de acontecimentos que ocorreram anteriormente a momento presente da história contada.

Há uma divisão entre os acontecimentos nas duas páginas. Enquanto que em uma página vemos retratada a morte do personagem Alec Holland, pode-se perceber que a destruição está atrelada aos elementos antrópicos como o fogo, enquanto que na outra página vemos a natureza gestando, literalmente, uma nova vida. A forma como o elemento vegetal vai se moldando em uma figura de traços humanoides, tem clara referência ao processo de desenvolvimento de um feto dentro do útero. É a metáfora da natureza que concede o dom da vida, a ligação da consciência humana a uma consciência vegetal, denominada na história de “O verde”. Não há, porém, o intuito de criar um aspecto dicotômico na relação entre homem e natureza, a perspectiva criada na história é oposta a essa divisão, é a de uma relação de dependência e integração entre homem e natureza.

Na página 55 (MOORE, 2014), referente à página 16 da publicação original *The Saga of Swamp Thing* 21 é possível notar novamente essa metáfora. Com base nos aspectos qualitativos presentes na teoria Peirceana referente à primeiridade, observa-se na parte superior da página o predomínio dos quali-signos de cores frias, uma mistura de um azul opaco e cinza, em contraste há a presença de elementos em um verde claro e bastante cintilante. Os traços da página são bastante trêmulos e com contorno menos definido. Ao fundo da página se sobressai a cor preta com diversas linhas azuis dispostas em espiral. No decorrer dos quadros, o elemento verde ganha mais destaque e mais detalhes, pois é aproximado da visão do leitor.

Passando a secundidade, o sin-signos presentes na página faz referência a traços humanoides, é possível notar a parte superior de um corpo, com a cabeça, os ombros e tórax. O elemento verde que rasga o peito da criatura em um primeiro momento possui a forma de raízes e cipós e vai ganhando aspectos de um emaranhado de tecidos vegetais. No último quadro, temos parte do rosto em foco e se rompendo sob uma casca acinzentada o verde se faz presente e um olho avermelhado.

A análise dos legi-signos na terceiridade evidencia uma nova metáfora visual utilizada por Moore, Bissette e Totleben. Enquanto que nas páginas que retratavam a gênese do Monstro do Pântano havia referências visuais ao processo de desenvolvimento de um feto, nesse momento quando a criatura retorna a vida, já que era dada como morta desde seu último embate com as forças armadas estadunidenses<sup>3</sup>, o processo faz referência ao desenvolvimento de uma planta. As

---

<sup>3</sup> *The Saga of Swamp Thing* 20, Vertigo/DC Comics. Jan.1984

raízes, os caules e cotilédones que rompem o corpo inanimado do Monstro e lhe devolvem a vida, simbolizam a capacidade de renovação da natureza, dos recursos naturais que, em meio à degradação, se renovam e persistem. Para o contexto da história o simbolismo torna-se ainda maior, afinal, o cientista Alec Holland jaz agora em definitivo, enquanto o que retorna a vida não traz mais nenhum elemento de humanidade. A consciência e sua personalidade extrapolam essa noção. O Monstro do Pântano deixa de ser uma mutação humana e passa ser uma corporificação da própria natureza, um guardião do “Verde”.

Segundo Rodriguês (2013), Alan Moore busca realizar, junto à obra do Monstro do Pântano, uma ressignificação de uma figura folclórica bastante conhecida pelos britânicos denominada *Green Man* e que, durante a década de 1960, tornou-se símbolo do movimento ambientalista. Dessa forma, ele representa o guardião do verde como um mediador da relação humano-natureza, a fim de apresentar o ser humano como parte ínfima que integra um todo natural. É nesse momento na história, onde as concepções de mundo das personagens são contrapostas e tornam-se explícitas as características que as ligam aos conceitos de representação social do meio ambiente que, segundo Reigota, se referem a “[...] um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos que através delas compreendem e transformam sua realidade” (1995. p.70).

O vilão desse arco de histórias do Monstro do Pântano analisadas é o Dr. Jason Woodrue, também chamado na história de Homem Florônico. Ele é a contraparte do Monstro do Pântano e de todo o ideal presente na revista que representa a interação humana-natureza, nos conceitos de representação social da natureza, globalizante. É ele o cientista responsável por descobrir a verdadeira origem do Monstro, meio homem e meio planta, que anseia por comunicar-se com a natureza e exercer sobre ela controle, o que só consegue após alimentar-se de um tubérculo que é produzido junto ao corpo do próprio Monstro do Pântano. Woodrue faz representação do ideal conservacionista extremo, ao qual Reigota (1995) denomina naturalista, que é incapaz de compreender a organicidade da interação entre o meio natural e os seres que o habitam, sejam animais ou os humanos. A ponto de seu objetivo tornar-se o extermínio dos humanos, com a justificativa da preservação da natureza. Em um de seus discursos inflamados, enquanto destrói uma cidade, é possível notar as nuances de seu pensamento e de sua concepção totalmente dicotômica da relação Homem-natureza.



“Já chega”?! Você me manda parar enquanto vocês hambúrgueres, desnudam a terra à força? Enquanto metem motosserra na tenra carne de meu povo? Você ainda diz que “Já chega”? Pois haverá mais, muito mais. Pois sou Wood. Woodrue. Sou a dor e a amargura da mata! Venho anunciar a chegada do milênio verde! Sou um só com a natureza bruta. Sou um instrumento de sua vontade. Perguntei-lhe: “O que deseja que eu faça?”. A resposta foi: “Purifique”. A resposta foi “Destrua”. “Destrua as criaturas que querem nos destruir, as que querem destruir a ecosfera com seus venenos e tratores de lâmina!”. “Corte-as como madeira podre, que tenhamos outro mundo verde” [...] “Onde não havia barulho, onde não havia carne berrando!” (MOORE, 2014. p.108, 109).

A capa da revista *The Saga of Swamp thing* 24 (MOORE, 2014. p.112), publicada originalmente em maio de 1984, é uma das mais densas a ser analisadas. Levando em consideração a afirmação de Santaella (2005) de que os conceitos e categorias da análise semiótica devem ser utilizados de acordo com o que se pretende analisar, serão utilizados na análise desta capa apenas seus legi-signos, no campo da terceiridade.

É importante de antemão, mencionar que as histórias do Monstro do Pântano se passam no universo ficcional da editora estadunidense de história em quadrinhos DC Comics, sendo assim, compartilha o universo com diversos outros super-heróis e muitos deles acabam por vezes aparecendo nas histórias, dentre eles John Constantine (famoso personagem de terror da Vertigo que teve suas primeiras aparições nas revistas do Monstro do Pântano), Batman, Desafiador, Etrigan e outros.

Na emblemática capa, há a presença dos membros da liga da Justiça da América (o principal e mais poderoso grupo de super-heróis da DC Comics assistindo em um telão o embate entre o Monstro do Pântano e o Homem Florônico. A arte de Stephen Bissette e John Totleben consegue passar aos leitores a sensação de impotência daqueles considerados os mais poderosos super-heróis do universo DC. A personagem Mulher Maravilha leva as mãos ao rosto em sinal de desespero enquanto que Superman tem sua ação restringida a tentar acalmar Firestorm. O Arqueiro Verde quebra uma de suas flechas expressando sua raiva perante a situação. Além deles, outros heróis compõem, também, a página. No telão vemos o Homem Florônico portando uma motosserra, não por acaso, a motosserra é um símbolo do poder de modificação da ação humana. É a ferramenta símbolo da evolução de uma atividade exploratória arcaica, o corte da madeira, sendo, também, imortalizada nos filmes de terror das décadas de 1960 e 1970. Na capa, a motosserra ganha um significado ainda maior: demonstrar a incongruência dos atos de Woodrue, que prega a destruição em prol da preservação. Neste embate entre o Monstro do Pântano e o Homem Florônico, a Liga da Justiça tem o papel de representar a incapacidade da humanidade de

enfrentar a força da natureza. Os diálogos presentes durante toda a edição 24 buscam explicitar essa noção de pertencimento e submissão às forças naturais. Nas páginas 03 e 09 da publicação original, respectivamente páginas 115 e 121 da republicação brasileira (2014), há diálogos no quais os membros da LJA reconhecem a impossibilidade de enfrentar o Homem Florônico, visto suas habilidades de se comunicar com a vegetação.

Com o poder de se comunicar com a vegetação, através do Verde, uma espécie de consciência coletiva de toda a vegetação do planeta, Woodrue planeja assassinar a humanidade e a fauna do planeta sufocado, fazendo com que as plantas através da fotossíntese produzam oxigênio em excesso visando alterar a composição gasosa da atmosfera.

A peleja entre os dois ocorre através de uma discussão lógica, na qual as duas concepções da relação homem-natureza são contrapostas. Para esta sequência foi realizada uma análise mais detalhada das páginas 12,13,14,15, e 16 da publicação original de *The Saga of Swamp Thing 24* (MOORE, 2014).

Nas páginas 12 e 13, atentando-se aos quali-signos, nota-se a presença da cor vermelha no fundo de grande parte dos quadros, levando em consideração as teorias a respeito da psicologia das cores, seria o vermelho a cor que remete a agressividade e perigo. Os traços dos desenhos são pouco demarcados, criando muitos borrões de contraste. Há uma sobreposição bastante irregular de figuras na página 13. Passando a terceiridade, observa-se na página 12 a demonstração do poder destrutivo empregado por Woodrue que é interrompido quando o Monstro o confronta, acusando-o de estar ferindo o Verde, o que o deixa extremamente confuso. Essa confusão mental é representada na organização dos quadros na página seguinte. As formas triangulares utilizadas nas linhas de bordas dos quadros, nos quais as imagens se inserem, podem remeter a pedaços de vidro sendo quebrados. Na narrativa verbal vemos a convicção de Woodrue sendo contestada pelo Monstro do Pântano que, observando o cenário de destruição em volta, indaga: “Olhe! Veja tudo isso! Não é esse o caminho da natureza bruta. Esse é o caminho do homem. O seu caminho Woodrue. Não foi o verde que fez isso, foi você”. Ele por sua vez reage e afirma estar realizando a vontade do Verde, cumprindo apenas o que lhe é ordenado. Sobre isso, o Monstro responde serem apenas os desejos de Woodrue envenenando o verde (MOORE, 2014).

Na página 14 é onde se encontra a derrocada final do Homem Florônico. O Monstro do Pântano o confronta acusando-o de ter concebido sozinho toda essa sandice. Woodrue se

defende, justificando seus atos: “As plantas seguirão despejando oxigênio e todo animal morrerá e só nós restaremos. Não vê? Não vê que é o único caminho para salvar o planeta dessas criaturas?”. É então que toda sua concepção dicotômica, conservacionista extremada, a representação social do meio ambiente naturalista é posta em cheque. O Monstro do Pântano responde-o: “Mas o que fará o oxigênio voltar a compor gases que nós precisamos para sobreviver, quando humanos e animais morrerem?”. O devaneio de Woodrue se encerra e ele perde o contato com o Verde, ao mesmo tempo que a insanidade toma por completo sua mente. O embate é assim se encerrado, vê-se um diálogo explicitando ainda mais o posicionamento ecológico da história, Abby Arcane, personagem constante nas histórias do Monstro do Pântano indaga: “Ele se deu conta de que as plantas não sobreviveriam sem o homem e as plantas voltaram atrás” e o Monstro do Pântano conclui de forma brilhante incumbindo à personagem e consequentemente os leitores da revista: “Sim, e me pergunto, o seu povo fará o mesmo?” (MOORE, 2014).

## CONSIDERAÇÕES

A HQ apresenta, como ficou explicitado na análise, níveis de representação capazes de comunicar diferentes elementos sobre determinado aspecto, como a utilização de cores e formas na primeiridade para criar diferentes ambientes perceptuais, sobre os quais os elementos conceituais envolvidos na simbologia da terceiridade ganham força argumentativa. Atuam como diferentes canais para compor a mensagem final dos signos, complexa na elaboração dos níveis de representação sobrepostos, mas compreensível na composição do interpretante final.

Ainda, estão presentes na mesma história representações ambientais distintas e, na própria HQ, elas se confrontam: o diálogo do Monstro do Pântano e do Homem Florônico explicita um debate de concepções fundamental nas discussões sobre Educação Ambiental. Segundo Reigota (1995), é desejável que se superem as concepções simplistas de ambiente para se atingir uma visão globalizante, capaz de promover uma transformação real nas atitudes da humanidade.

A aplicação de uma atividade envolvendo a HQ pode partir de um diagnóstico das diferentes concepções de meio ambiente que se fazem presentes entre os alunos, utilizando trechos da história junto à discussão dos conceitos básicos de educação ambiental e mostrar definições diversas de meio ambiente a partir de concepções culturais, técnicas e jurídicas para aprofundar o debate a respeito da representação social do meio ambiente em sala de aula que,

segundo Ferreira (2007), é um caminho para uma prática mais comprometida. Levar em consideração os diferentes olhares de grupos distintos sobre o meio ambiente, possibilitando, assim, uma reflexão mais ampla das problemáticas relacionadas ao meio ambiente.

Também pode auxiliar o professor a tecer uma série de discussões envolvendo a forma como a relação ser humano-natureza se apresenta em contexto próximo a realidade dos alunos. Ou ainda, sobre algum problema ou desastre ambiental que venha alcançar grande repercussão, pois, apesar de ter sido escrita na década de 1980, sua discussão ecológica é pertinente à realidade contemporânea, visto que apesar de uma série de avanços tecnológicos, muitos dos problemas vivenciados na época perduram até os dias atuais.

Com base na análise realizada é possível notar as grandes possibilidades de abordar a temática da educação ambiental se utilizando das histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica. Há, portanto, a necessidade da extensão por parte dos pesquisadores acerca dos estudos envolvendo as histórias em quadrinhos e a obras ficcionais em geral, pois, além da obra analisada nesse artigo há diversas outras que se aprofundam nesse debate ecológico e podem ser utilizadas.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Irene. *A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança*. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702005000200005> Acesso em: 09 mai. 2015.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Paulo H. S; SILVA, Mariluze F. A. *Semiótica enquanto categoria da representação: A necessidade formal da categoria de representação em Peirce*. Revista *Metávoia*. n.14. São João Del-Rei, 2012. Disponível em: [http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/2\\_BICALHO\\_CONFIRIDO\\_DOC.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/2_BICALHO_CONFIRIDO_DOC.pdf) Acesso em: 18 Jan. 2016.

COSTA, Rafael Martins. *As histórias em Quadrinhos como Construção da Leitura Geográfica*. Disponível em: <http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/eixo5> Acesso em: 20, abr. 2015.

DANNER, Alexander. MAZUR, Dan. *Quadrinhos: História moderna de uma arte global*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DANTON, G. (OLIVEIRA, I. C. A.). *A divulgação científica nos quadrinhos: Análises do caso Watchmen*. Dissertação (Mestrado) da Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, 1997.

DEVAL, Juan. *Aprender na vida e aprender na escola*. 1. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

FERREIRA, Carla Fernanda et al. *Análise das representações sociais sobre meio ambiente de técnicas e professores das secretarias de educação e meio ambiente de municípios da bacia de Campos - RJ*. Atas do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de Ciências, Florianópolis, SC, 2007. p. 1-12 Disponível em: <http://www.nutes.ufri.br/abrapec/vienpec/CR2/p869.pdf> Acesso em 17 dez. 2015.

FIGUEREDO, Fábio F.; CRUZ, Fernando M. *Aproximações teóricas sobre a questão ambiental internacional na sociedade global: de Estocolmo 1972 ao Rio de Janeiro 2012*. Disponível em: <http://cchla.ufrn.br/semapa/textos/Aproxima%C3%A7%C3%B5es%20te%C3%B3ricas%20sobre%20a%20quest%C3%A3o%20ambiental%20internacional%20na%20sociedade%20global.pdf> Acesso em 10 Dez. 2015

GALLI, A. *Educação ambiental como instrumento para o desenvolvimento sustentável*. Curitiba: Juruá, 2008.

HOBBSAWM, Eric J; *A Era Das Revoluções, Europa 1789-1848*; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. *A Era dos Extremos: O breve século XX 1914- 1991*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2ª Ed, 2008.

JARCEM, René Gomes Rodrigues. *História das Histórias em Quadrinhos*. Revista: História, Imagens e Narrativas. N°5, ano 3 /2007. In: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao5setembro2007/06-historia-hq> Acesso em: 20, abr. 2015.

KRÜGUER, Felipe Radünz. *O Bruxo de Northampton: algumas reflexões sobre a vida de Alan Moore e sua relação com a segunda metade do século XX*. Revista: História, imagem e narrativas. N.19, ano 10. Out.2014 Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao19outubro2014/bruxo-kruger.pdf> Acesso em 20, abr. 2015

LE PRESTRE, Philippe. *Ecopolítica internacional*. São Paulo: SENAC, 2000.

MEDEIROS, A. F.; MELO, K.C.; SILVA, A. A. *Uma linguagem alternativa no ensino escolar. As histórias em quadrinhos na mediação do ensino e aprendizagem da geografia*. Revista Ateliê Geográfico. Goiânia, n.1, p. 260-293. Abr.2013.

MILANI, Carlos R. S. *Ecologia política, movimentos ambientalistas e contestação transnacional na América Latina*. Caderno CRH (UFBA), v. 21, n. 53, p. 289-303, Maio/Ago. Salvador, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792008000200007>. Acesso em 15 dez. 2015.

MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. Nova Ed. Ampliada. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MOORE, Alan. *A saga do Monstro do Pântano: Livro um*. São Paulo: Panini Brasil, 2014.

MOREIRA, W. M. *A viagem sem destino do Lanterna Verde e Arqueiro Verde pela contracultura dos EUA da década de 1960-70*. Revista História, imagem e narrativas. 18, ano 10. Abr.2014. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao18abril2014/06lanternaverde-contracultura.pdf> Acesso 20, abr. 2015.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1995.

PEPPER, David. *The Roots of Modern Environmentalism*. Croom – Held Ltd. Surry Hills, New hampshire, 1986.

QUINTANA, Ana Carolina; HACON, Vanessa. O desenvolvimento do capitalismo e a crise ambiental. *Revista O Social em Questão*. Ano XIV, n. 25/26, jan./jun. Rio de Janeiro, 2011.

RAMA, Ângela. *Os quadrinhos no ensino da geografia*. In: BARBOSA, Alexandre et al. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.87-104.

REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1995.

RIBEIRO, Wagner Costa. *Geografia política e gestão internacional dos recursos naturais*. *Rev. Estudos Avançados*, v. 24, n. 68, pp. 69-80 Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142010000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000100008&lng=en&nrm=iso) Acesso em 24 nov. 2015

ROCHA, Jeferson M. *Política internacional do meio ambiente: avanços e entraves*. Disponível em: [http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/v\\_en/Mesa2/3.pdf](http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/v_en/Mesa2/3.pdf) Acesso em 15 Dez. 2015.

RODRIGUÊS, Márcio dos Santos. *Sociedade de consumo, ecologia e histórias em quadrinhos: Análise de America, de Robert Crumb, e o Monstro do Pântano, de Alan Moore*. 2ª Jornadas internacionais de histórias em quadrinhos. São Paulo. 2013.

ROTHWELL, J. *How to change the world*. The British Film Institute. British Sky Broadcasting. Sundance. Reino Unido/ Canadá, 2015. (Vídeo)

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_ *Matrizes da Linguagem e pensamento: sonora visual verbal*. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

\_\_\_\_\_ *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANTOS, Roberto Elísio dos. VERGUEIRO, Waldomiro. *Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática*. *EccoS – Rev. Cient.*, São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan./abr. 2012

SILVA, Joelinton C; SILVA, Adjane da Costa T. *Pressupostos da teoria semiótica de Peirce e sua aplicação na análise das representações em química*. VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. São Cristovão, 2012 Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/123456789/683> Acesso em 18 Jan. 2016.



*Submissão: 15 de março de 2016*  
*Avaliações concluídas: 09 de abril de 2016*  
*Aprovação: 12 de agosto de 2016*

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO?

FERNANDES, Hylio Laganá; SILVA, Maria Aparecida Alves da; OLIVEIRA, Willian Prestes de. História em Quadrinhos e Educação Ambiental: o Discurso Ecológico em a Saga Do Monstro do Pântano de Alan Moore. (Dossiê História em Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 02, p. 242-264 de 469, número especial, 2016. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >